

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs. com estampilha..... 600 rs.
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em roca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
Rua d'Arruella n.º 119

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
Annuncios e communicados, a 50 rs. linha.
Repetições 25 rs linha.
Annuncios permanentes 5 »
Folha avulso..... 40 reis

Séde da imprensa
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto

O POVO D'OVAR

POLITICA NOVA

O ministerio prometteu-nos vida nova e vae cumprindo, força é confessal-o.

Ninguém vê esse amontoado de despachos, que sempre precediam as eleições. Com os despachos gorados foram-se tambem a leva dos pretendentes, que formavam a cauda dos partidarios governamentais.

D'isto provem certamente o nenhum peso, que estão fazendo as auctoridades administrativas na pugna eleitoral e a laboração eleitoral, que se observa pelo paiz.

E' uma politica nova, um quasi preludio da franca liberdade politica, porque as eleições feitas até agora, civadas de corrupção, podiam representar tudo menos o sentir do povo.

*

Os politicos de profissão sentem-se mal n'este ambiente.

Preferiam a corrupção e as violencias antigas coagindo os eleitores. Preferiam impôr-se ao povo, comprando ou esmagando com o peso das bayonetas, a conquistar voto a voto os circulos. Para o primeiro caso bastava-lhes um pedaço de intriga ou a subserviencia ás imposições do ministro do reino: para o segundo precisam de sympathia ou de um programma bem nitido.

Ora como o governo não vae para este caminho, vociferam, atacam e ameaçam com a força do seu partido.

Muitos deputados haviam perante o ministerio feito a sua profissão de fé sob a condição de que o sr. José Dias Ferreira lhes prestasse o apoio das auctoridades e lhes concedesse os favores requeridos. Mostravam-se verdadeiros potentados nos seus circulos, apresentado a sua candidatura como impossivel de combater.

Se assim era porque imploravam favores e protecção?

Talvez o governo lhes promettesse então apoio. Porém agora, que as eleições estão á porta, esses deputados sentem-se pouco á vontade, e começam a dizer que o sr. ministro do reino faltou ás suas promessas.

Queriam elles que o ministro falseasse as urnas, que lhes fornecesse as bayonetas para acutilar os eleitores!

Se o governo se mantiver na linha que segue, teremos umas eleições perfeitamente livres. O povo dirá em quem confia, quaes os seus homens mais prestantes.

Deixem que ao menos uma vez, no regimen constitucional, o povo diga da sua justiça. Ninguém terá de se arrepender, com excepção dos politicos, que andam com os governos a especular candidaturas.

O povo não pôde nem deve ser essa massa ignorante e indif-

ferente de que tanto tem abusado os successores ministerios partidarios. Educado agora a escolher em liberdade os seus representantes. Talvez comece a entrar activa e scientemente na politica.

Já experimentamos até onde nos levou o systema das caballos e dos sophismas eleitoraes. Com elle cavaram os partidos a ruina da patria, fazendo-a passar por todos os vexames. Não será mau experimentar outro systema, que não pôde ser peor do que o antigo.

*

Saudemos a politica nova. Oxalá que n'ella continue o governo... Assim desempenhará um papel elevado e nobre.

O sr. Dias Ferreira tem preso á situação o seu nome que é grande, apoiado n'um passado de trabalho e de tradições liberaes. Justo é pois que o não maques, que o não desdours, para correr atraz de falsas vanglorias.

Usando da corrupção e das violencias poderia levar á camara uma boa maioria de deputados. Mas para quê? para amanhã cahir coberto de injurias, abandonado pelos proprios a quem tinha dado a mão. Tudo quanto havia de bom no seu passado eclipsar-se-hia com a facil victoria d'uma hora seguida por uma derrota moral vinda pouco depois.

A politica nova seguida pelo ministerio é bem mais proficua em resultados—representa uma victoria gloriosa sobre vicios antigos enraizados por longa rotina.

POLITICA CONCELHIA

«Quem não pode arrear» disse ha dias o sr. Aralla e disse com toda a razão.

Cóntudo assim prega Frei Thomaz, bem o diz mas não o faz.

O sr. Aralla não pode lutar. Bateu por ahí a umas portas e responderam-lhe redondamente «não». Depois fechou-se no Matto Grosso como nos tempos antigos maquinando entretanto d'ahi uns planos, fazendo correr uns boatos terroristas para metter medo aos adversarios.

Baldados planos e baldados terrores. Nem uns produziram effeito, nem os outros deram resultado. E essas velhas artimanhas apenas despertaram o riso, porque todos nós bem conhecemos o homem e a sua audacia.

Agora no Matto Grosso conta-se apenas com as bayonetas, que o governo ha-de mandar. De eleitores, da campanha polemica nem sequer se falla.

Positivamente o sr. Aralla «não pode» ora «quem não pode arrear» lá diz o velho ditado, que o sr. Aralla citou.

Vem os aralistas dizendo que

a eleição se ha-de fazer á valentona com a tropa.

E' preciso ser-se dotado da mais chapada ignorancia para tal affirmar.

Não passa pela cabeça de ninguém que só a tropa vença eleições, quando se esteja abandonado do povo.

Os progressistas fizeram umas eleições á cabralina porque tinha a apoiel-os bastantes homens promptos a manejar o cacete. Mas onde tem o sr. Aralla gente igual a essa?

Sem eleitores, e sem homens capazes de armar desordens é impossivel fazer uma eleição com a tropa.

Bem sabemos que os aralistas assalariaram dois homens reconhecidos como caceteiros capazes de commetter um crime: que os tem ahí ás ordens pagando-lhes um salario e com promessa de os empregar depois das eleições: que esses homens foram assalariados á custa da impunidade de um crime.

Mas isso é pouco, mesmo muito pouco em comparação da grande massa de eleitores com que o sr. Aralla e o seu grupo se tem de haver.

Pela nossa parte nem tememos esses nem outros caceteiros. No nosso grupo não ha gente assalariada por empregos ou quejandas promessas, nem por salarios.

Somos absolutamente incapazes de provocar desordens, mas saberemos defender quando provocados por outros.

*

O sr. Aralla não pôde e ha-de arrear.

Foi-se-lhe já aquella soffreguidão com que andou nos primeiros tempos a mandar chamar eleitores a casa para lhes pedir o voto.

Ha pouco declarou ainda que elle não iria á urna, mas que lá appareceriam os seus amigos. Mais um passo e está tudo acabado. Mais algum tempo e o sr. Aralla arreará com armas a bagagens, deixando-se ficar na solidão do Matto Grosso.

E' bem que assim succeda. Posto de lado um elemento de desordem e franqueada a urna lá concorrerão os eleitores a dar preferencia a este ou aquelle grupo sem imposições e sem violencias. E' tambem possivel que a politica do nosso concelho entre n'um caminho d'ordem e de moralidade.

Arreando o sr. Aralla, acabam-se as fanfarronices dos *pequenitos*, que nada representam no nosso meio politico.

*

Fóra das ameaças, não sabemos em que o sr. Aralla baseia as suas pretensões politicas.

Por mais que se busque ninguém conhece qual a freguezia do concelho em que possa obter maioria. A villa é-lhe por tal forma

hostil que de forma alguma poderá obter uma quarta parte da votação.

Isto que é sabido de todos desde o principio, gerou a opinião corrente de que o sr. Aralla não irá a eleição—que arreará.

Mas para que continuou então com as suas embrulhadas, com as fósquinhos de trabalhos eleitoraes? De certo para impedir que o nosso grupo caminhasse.

Pois fique o sr. Aralla certo de que o nosso grupo ha-de caminhar: de que nem as suas artimanhas, nem as suas ameaças, nos entibiarão a força e o enthusiasmo.

Vamos para a lucta com a convicção firme de que os derrotados não serem nós.

E' que os velhos processos politicos do sr. Aralla estão gastos de todo, muito relaxados mesmo. Sobrecarregado com um passado que inspira medo á maior parte, o sr. Aralla nunca podia conquistar o favor do povo. Por isso quiz conquistar a urna com as violencias. Nem as violencias lhe valerão, porque para oppôr ás violencias ha a força.

Arreie, sr. Aralla.

Novidades

A questão das musicas.—De vez em quando a questão das musicas vem accorder o nosso povo da sua pacatez já agora habitual.

Não comprehendemos bem isto, a não ser no caracter puramente pessoal, que se lhe dá.

Ora nós entendemos aprecial-a d'nma fórma bem differente.

Tanto a philarmonica *Ovarense* como a *Boa-União* nos merecem respeito e consideração. São ambas compostas de conterraneos, de visinhos nossos. Se d'um lado estão artistas velhos, trabalhadores e serios; estão d'outro lado artistas e commerciantes novos, rapazes bem educados, moços que são a esperanza no futuro.

E' pois, nosso dever protegol-os igualmente a ambos, e, no trabalho, animal-os para que estudem e progridam. Ninguém dirá que a coação da ultima philarmonica não produzisse bons resultados.

Luctando as duas temos visto os progressos que fizeram em bem pouco tempo. Desappareceu um privilegio, estabeleceu-se a concorrência, e, na lucta para melhor agradar, para conquistar o favor publico, ganharam os artistas que estudaram, ganhou o povo que ouviu melhor musica e por um preço barato.

Ainda não vimos a intriga ou a guerra do que se faz alarde, para esmagar o sr. Antonio Maria Valerio: temos visto sim na concorrência o emprego de meios razoaveis para obter serviço para uma outra philarmonica. Na conquista do trabalho, na conquista para a preponderancia d'esta ou

d'aquella estão os affeiçoados d'uma ou d'outra musica no direito de empregar os meios razoaveis para attingir aos seus fins.

Tudo isto vem a proposito d'uma eleição da irmandade do Senhor d'esta freguezia.

Ninguém até hoje se importou com a eleição das irmandades. As mezas entregavam umas ás outras os seus mandatos, sem que os irmãos se reunissem uma só vez. Este anno fez-se o mesmo, segundo nos consta com respeito á irmandade do Senhor.

Mas porque a eleição recahissee em um grupo mais affeiçoadado a philarmonica *Boa-União* levantou-se bastante arruido, que deu em resultado comparecer na egreja matriz um numeroso grupo de homens, que no domingo anterior queriam proceder a nova eleição.

Não discutimos o direito d'esses ou dos outros, porque desconhecemos as circumstancias em que se realizou a eleição e os estatutos, que mandam proceder a ella.

Ora isto não se dava se em todas as festividades se tivesse seguido um procedimento razoavel. Nós nem dariamos preferencia á philarmonica *Ovarense* nem á *Boa-União*. Em qualquer festividade estabeleceriamos o concurso para ambas—aquella que mais barata tocasse seria essa a preferida.

Nem mesmo se comprehende que os administradores das irmandades, que tem a restricta obrigação de zelar os interesses da collectividade, deem mais preferencia a esta ou áquella só porque as affeições pessoases vão n'esse sentido prejudicando o minguido cofre. A justiça manda que se dispam os preconceitos para ter em vista um unico fim—o bem da corporação que se administra.

Parece porem, que as ideas em voga caminham em outro sentido. Está em uso o systema da protecção e d'ali veem o rancor que lavra n'um ou n'outro grupo quando a eleição recahe no adversario.

D'isto ha-de por força sair a desordem ou o abuso.

Nulla a eleição da confraria do Senhor, tem de proceder-se a outra eleição que ha-de ser guerreada a valer. E, findando esta vem as eleições das outras irmandades. Uma agglomeração espantosa de eleições em cada anno.

Dado o genio irrequieto do nosso povo e a sua má direcção politica imagine-se que balburdia se origina em cada domingo d'eleição.

Mas talvez estes nossos sentimentos tenham resultado mais benefico. Pode ser que o povo com a multiplicidade de eleições se accostume a votar pacificamente. E sendo assim é um bem que vem por mal—o contrario do que quasi sempre succede,

LUZ E TREVA

Estrellas que viveis assim como se fosse
Suspensas do azul da abobada infinita,
Dai-me a vossa luz, esse edeal tão doce
Dos sonhos que eu sonhei, e que minha alma fita!

Outrora dentre vós eu tive uma que amei
Estrella que inundou de luz o meu futuro
Fiz d'ella um credo, a fé, fiz d'ella a minha lei;
Fiz d'ella quanto a vida encerra de mais puro!

Jurei que ella seria, no ceu a minha amada,
Já que na terra nunca eu soube o que era amar;
Mas creio que me disse: «Eu sou como a alvorada
Que morre logo apoz que vê o sol raiar!»

«Sou nova na amplidão dos ceus que tu procuras
Fazer viver a fé, o amor, a liberdade!
Se a vida te destina ás muitas amarguras
Não poderei talvez guiar-te á claridade!»

E assim foi! Morreu!... Fiquei na minha dôr!
Nada me resta já que guie os passos meus:
Se meu destino é este, antes do sol se pôr,
Quero dormir eterno: abre-me o leito, ó Deus!

Furadouro—2—9—92.

JOSÉ D'ALMEIDA.

S. Paio—Na quinta feira, teve logar a romaria de S. Paio que cada anno é menos concorrida por povo dos nossos arredores.

Ainda assim na quarta feira partiram para lá alguns barcos carregados de povo. A tarde estava então magnifica e a Ria parecia um espelho.

Na quinta á tarde, na occasião da volta, levantou-se uma rija nortada que poz em risco alguns barcos, chegando alguns a partir a verga do mastro. Um dos barcos afundou-se, mas não ha a registrar desgraças pessoas.

Senhor da Piedade.—Sabbado, domingo e segunda-feira temos a nossa festa do mar, se algumas difficuldades se não levantassem até lá por causa da questão das musicas, que tambem n'isto mettem a sua colheada.

E' uma bella romaria, a que concorre o povo dos concelhos visinhos.

Ao snr. administrador do concelho pedimos que não consinta no arraial as pequenas roletas, chamadas vulgarmente *rodas da fortuna*, uma especulação torpe em que o povo é logrado. Com as taes rodas da fortuna apparecem uns malandrins de má caturada capazes de commetter furtos. Um ou dois policias serão os bastantes para pôr cobro a tal gentinha e ás suas artes.

Pesca—Com vario resultado trabalharam durante a semana as companhias de pesca da nossa costa.

A sardinha conservou sempre um preço bastante elevado, devido á falta d'ella armazenada mas mesmo assim os lanços foram pouco elevados.

Licença—Auzentou-se da comarca em goso de licença o muito digno juiz ex.^{mo} sr. dr. Manoel José Dias Salgado e Carneiro.

S. ex.^a passa a estação balnear em S. João da Foz.

Ficon com a vara, no seu impedimento, o ex.^{mo} sr. dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coento.

A pesca na Finlandia

—Os finlandezes são tão habéis e infatigáveis pescadores, que até durante o inverno se entregam a este mister. Ora é sabido que nas regiões do norte se cobrem os rios de gelos, que impedem a navegação, mas não succede assim emquanto á pesca.

O processo de que se servem os pescadores durante o inverno, é muito curioso.

Quando é no mar, fazem duas aberturas na neve, e por meio de varas compridas e de cordas, conseguem passar as redes d'uma para a outra abertura; mas a difficuldade é retirá-las, e para isso empregam grandes esforços. Quando é nos rios, apanham o peixe dando-lhe uma bastonada, que o faz subir atordoado á tona d'agua, onde o caçam então com certo instrumento apropriado.

Chegada.—Chegou a esta villa com sua ex.^{ma} familia o nosso distincto amigo Domingos de Freitas, tenente de infantaria 23.

Emigração—Continuam sahindo da nossa villa grandes levas de emigrantes.

Além d'outros sahio na terça feira, com destino ao Rio de Janeiro, o nosso amigo Francisco d'Abreu Gomes.

Oxalá os nossos patricios sejam bem felizes.

Cholera—Propalou-se que já se havia dado um ou mais casos de cholera em Lisboa.

Chegando a epidemia áquella cidade em breves dias a temos aqui.

E' pois indispensavel que a camara, a auctoridade administrativa e o snr. sub-delegado de saude tomem as providencias necessarias para o caso da nossa villa ser invadida. Nada se tem feito ácerca d'isto e muito se deve fazer.

A' camara compete olhar pelas condições hygienicas em que se encontra o hospital d'esta villa.

Por mais de uma vez lhe temos dito que aquella casa não é propriamente uma casa de saude, mas um foco de infecção.

Reclamamos, pois, providencias urgentes.

Tuna.—Na sexta-feira á noite foi a tuna, de que é regente o nosso amigo José Alves Cerqueira, tocar ao Furadouro, sendo ali muito bem recebida pela colonia balnear.

Doentes.—Está quasi restabelecido o nosso amigo Manoel Martins d'Oliveira Vaz, estudante.

Tem obtido bastantes melhoras o nosso amigo José Marques da Silva.

Litteratura

UM MISTERIO

(Continuado do n.º 278)

—Foi Magdalena quem realisou este milagre, e bem feliz se julga a pobre rapariga por ter obedecido aos sentimentos que desde a infancia lhe inspiraste, quando, na orphanada, foi recolhida pela minha boa irmã, por essa santa que foi tua mãe! Por isso, meu rapaz, a fui preparando com tempo para esta grata missão. E quando voltares para casa, has-de ter o prazer de casar com ella, para que teu pae tenha mais uma razão para dar-lhe o nome de filha.

Parecia ao mancebo que a terra se lhe abria aos pés... As ideias baralhavam-se no cerebro sob a impressão de uma dôr aguda que elle nunca experimentara. Inerte e mudo, conservava-se como que abysmado.

—E' de alegria! pensava Bovilliers.

Não! Octavio, attonito, dizia, de si para si:

—Casar com Magdalena?... E então... a outra?...

Durante este tempo a joven dava uma vista d'olhos pela casa, a fim de verificar quaes os arranjos mais urgentes e saber os criados que era preciso tomar.

Embora muito creança, quando a haviam recolhido n'aquella casa, acudiam-lhe á memoria um sem numero de gratas recordações. Havia muitas portas fechadas. Eram precisas as chaves. Foi procurar Octavio para que lh'as desse.

Encontrou-o facilmente, tanto mais que elle tambem andava á procura d'ella.

O que disseram um ao outro? Não se sabe. O que é certo é que, poucos momentos depois, Magdalena foi ter com o padrinho, com as feições transtornadas, por mais esforços que fizesse para apparentar serenidade, e disse lhe:

—Não podemos ficar aqui! Vamo-nos embora immediatamente! —Porque?

Ah! «porque?» Sabia-o ella? Não podiam ali ficar, eis tudo o que ella soubera, tudo o que Octavio lhe dissera. E como Bovilliers insistisse, alludindo ao casamento, a pobre creança sorriu maguadamente, e, com os olhos marejados de lagrimas, murmurou:

—Elle não se importa commigo!... Ah! mas não lhe diga nada! acrescentou ella vivamente. Foi com as lagrimas nos olhos que elle me pediu para nos retirarmos. Como elle estava afflicto, padrinho! E' porque estava a lembrar-se do pae... Eu então

prometti-lhe dizer ao sr. d'Ardicourt que fui eu que recusei... que não sympathizei com Octavio... que...

—Estás tonta, pequena! interrompeu Bovilliers. Todos sabem perfeitamente que, ainda mesmo que Octavio não fosse do teu agrado, serias incapaz de hesitar em sacrificar as tuas predilecções. Isso é um absurdo, digo-t'o eu! Mas não tom duvida... Deixa lá chorar o Octavio... As coisas assim é que não podem ficar... E' preciso que tenhamos uma explicação cathorica... e havemos de tel-a!

Magdalena bem sabia que o mancebo se arreceiava d'esta explicação. Por isso supplicou ao padrinho que não perguntasse coisa alguma. Queria sahir d'aquella casa no mesmo instante, segundo o supremo desejo que, por mais de uma vez, Octavio lhe manifestara, promettendo desculpar-se por meio de uma carta e demonstrar, a seu pae e a elles que aquelle projecto de casamento—a que elle se negava com tão profundo pesar, e que seria por elle acolhido com alegria, com felicidade, n'outras circumstancias—era materialmente irrealisavel.

Foram baldados os esforços de Magdalena, como é facil acreditar.

Sem discurrir mais, o bom do velho obrigou a afilhada a acompanhá-lo, repetindo:

—Não! não posso acreditar que elle se fizesse ingrato! Aqui ha o que quer seja, e custe o que custar, não saio d'aqui sem deixar esta situação bem definida! O que haviamos de dizer ao pae de Octavio quando voltassemos? Nem eu tinha animo para encerrar o pobre homem! Anda commigo, Magdalena... Eu não seja quem sou, se não faço com que elle se explique!...

Ao voltarem á casa do jantar, surprehenderam Octavio fechando rapidamente a portinha de que fallamos já. Parecia inquieto. Mas Rovilliers não reparou.

—Sentemo-nos disse elle, peremptoriamente, e appella para os sentimentos que temos o direito de exigir da tua parte. Muito embora te custe, é forçoso que tudo se explique bem claramente. Se nos pões no meio da rua—não protestes, é assim mesmo!—se pretendes que é materialmente irrealisavel o teu casamento com Magdalena, é porque tens algum motivo. Qual? Bom ou mau, dil-o. Ordeno-t'o em nome de tua mãe.

Isto não admittia replica. Octavio comprehendeu-o. No entanto era superior ás suas forças confessar a verdade. Resolveuse, portanto, a imaginar um qualquer pretexto que parecesse plausivel.

Disse que estava arruinado, individado.

O tio encolheu os hombros. O que tinha Magdalena era sufficiente para ambos. E desde quando se prendiam com questões de dinheiro as familias de d'Ardicourt e de Bovilliers? Que guardasse para outra occasião os seus escrúpulos! Os seus deveres para com o pae—a isso é que elle devia attender!

Tornou-lhe Octavio que não deixaria de cumprir esses deveres, porém, mais tarde. Porque, ac-

crescentou, para restaurar a sua fortuna, metterá-se n'uma empreza collossal. Ia partir. No dia seguinte havia de embarcar no Havre com destino a New-York.

O plano estava traçado... Em oito dias de caminho de ferro chegava a San-Francisco, mettia-se n'outro vapor, e seguia para Yokonama! Por mais um pouco, ia até á lua... Tambem pelo muito que lhe custava...

Havia já um pedaço que explanava os seus projectos, tendo cessado as objecções do tio, que, como Magdalena, dava mostras de um extraordinario pasmo. E Octavio dizia comiso mesmo:

—Enguliram... Animo!

No meio, porém, do seu entusiasmo oratorio, Octavio não ouvira que se tinha de repente aberto, por detraz d'elle a famosa portinha: uma creancinha de uns quatro ou cinco annos, entrara de subito, e vendo gente estranha, fôra esconder-se, timidamente, por detraz da cadeira do mancebo.

Já então mais senhora de si, foi-se chégando, agarrada ao braço da cadeira, e puxou pela manga do casaco de Octavio.

Elle desembarçou-se a primeira vez, sem cortar o fio ao discurso; mas, da segunda, fez-se vermelho como lacré e estacou de repente.

—O papá, disse a creança, meio amuada, o Lourenço não me quer deixar brincar.

O mancebo, sentindo-se de subito meio suffocado pelas lagrimas, cingiu a creança com os braços, sentou-a nos joelhos, e, depois de a abraçar, disse:

—Estava a mentir, meu tio. O motivo... era este! Bem vê: esta creança está a acabar o luto. Não tem mais ninguem no mundo senão eu. Devo expol-a a que a repillam?!

Nesse momento Magdalena aproximou-se, e, com uma voz dulcissima, perguntou á creança: —Queres que eu seja a tua mamã.

A creança fitou-a um momento, e em seguida respondeu, olhando para Octavio:

—Eu quero, sim!... e o papá quizer!

Eduardo Cadot.

COISAS

No caminho de ferro. —Porque é que o comboio vae tão depressa, senhor revisor?

—Não é coisa de cuidado. É porque ha ali adiante uma ponte que ameaça desabar, e portanto é preciso passal-a o mais depressa que se poder... Não é coisa de cuidado.

Um sujeito, que tem pés enormes, entra n'um americano. Em seguida entra outro passageiro e pisa-o.

—Você não vê? grita o pisado.

—Não vejo o que?

—Os meus pés!

—Os seus pés! exclama admirado. Pois todos esses pés são seus?!

Os gargarejos.
 —Para viver ao teu lado sacrificaria tudo, paes, posição, fortuna.
 —Ora não sejas doido!
 —Porque me dizes isso?
 —Sacrificando tudo d'essa maneira, que demonio ficaria então para mim?

NOTICIAS DO PORTO

Porto, 9 de Setembro de 1892

Caros leitores,

Um ligeiro incommodo de saúde, inibe-me de lhes proporcionar n'esta carta a minha massadora chronica semanal — algumas noticias do Porto; conto porém, para a semana ser-lhes mais extenso, o que não faço agora, porque como lhes deixo dito, me encontro completamente n'um estado aborrecido que me prohibe de colher algumas informações.

Enfermo. — Acha-se ha dias incommodado de saúde, o snr dr. Antonio d'Oliveira Monteiro, presidente da camara municipal.

Precauções. — Teem-se adoptado algumas medidas sanitarias, afim de combater a epidemia do cholera, caso sejamos visitados pelo terrivel flagello, que actualmente está dizimando as populações estrangeiras. Toda a imprensa se tem occupado detidamente sobre este assumpto.

Infanticidio. — Recolheu-se ao hospital da misericordia na terça-feira ultima, a serva Maria Rita, queixando-se de dores de parto. Effectivamente no dia seguinte cerca das 3 horas e meia da noite, deu á luz uma robusta creança do sexo feminino.

As enfermeiras d'aquelle hospital, depois de aviada e vestida a creança, collocaram-na na cama da enfermaria, junto da mãe, a qual pouco tempo depois, dizia que a creança não respirava, parecendo-lhe ter fallecido. Participado o caso, verificou-se que a morte não tinha sido natural, pois havia vestigios de asphyxia. A parturiente foi hontem interrogada, sendo-lhe lavrado o auto respectivo.

Hoje, far-se-ha a autopsia ao cadaver da creança.

Despasseo. — Finou-se hoje a snr.ª D. Maria de Jesus Moreira, tia do nosso presado amigo João Moreira.

A toda a familia enlutada e ao nosso amigo J. Moreira, por tão infausto acontecimento, para o qual não ha phrases que abrandem a dor motivada por tão doloroso golpe, a expressão sentida da nossa condolencia.

Kermesse. — Tem sido extraordinariamente concorrida, a kermesse promovida pela Associação de Soccorros Mutuos 31 de Janeiro.

—E relatadas estas pequenas notas, archivadas na minha carteira de apontamentos, até já.

J. J. O.

CHRONICA

Vou, amaveis leitoras, procurar arrancar-vos da monotonia em que jazeis, vou roubar-vos um pouco ás vossas horas ociosas vou, enfim, tirar-vos dos braços de Morpheu para me acompanhar-

des n'estas noites d'encantos mil, d'atrações infindas, de tenues brizas, saturadas de odoríferos aromas, a um sitio no campo, não mui longe da vossa alvadia morada, onde tanto ha que ver e admirar, onde o coração pulsa com mais ardor e o corpo se fortalece se extasia, contemplando o quadro augusto que o Ente immortal, a prodigas mãos nos está apresentando na quadra risonha que atravessamos (á parte o cholera e a crise... Sim; se quizerdes acompanhar-me em espirito (pessoalmente era honra mui subida para mim, mas que gostosamente accitava,) a esse poetico e pittoresco ermo, deixai o leito confortavel (o Julio talvez vos encontre dormindo, porisso...) pegai no Povo e vede a chronica cá do Luiz (chronica por enquanto...) e ahi vereis o que estaes perdendo quando entregues ao somno deixais em silencio estas esplenderosas noites, sem um canto terno e suave, soltado das vossas gargantas d'ago, sem um gorgeio, ou trinado que só vos avesinhas candidas sabeis soltar, sem um sussurro, um rumor debil, consequencia inevitavel da pressão das vossas botinhas sobre as pedras da calçada e a hervagem dos campos.

Sim, minhas sympathicas leitoras, percorrei com a vista o nosso Povo e, benevolentes como sempre sois, observae as impressões que sentiu este vosso humilde creado, quando, n'uma excursão nocturna, n'uma das ultimas noites, se achou a sós com a Natureza sob um espesso e denso arvoredado, que cobria um pittoresco recinto de forma heptagonal, que a meia hora de jornada d'esta villa, se encontra em pleno campo.

Deitado sobre a rolva impressionado pelas maravilhas da Creação, revolvendo na mente mil projectos amorosos, pensava em tudo, menos na pobre e desprezenciosa chronica que vos teria de dar, mimosas deidades, rôlas gementes, que no sussurrar das brizas, no canto das aves, no murmuro das fontes, prescruaes segredos que eu, pobre rabiscador não sou capaz de desvendar, porque então terieis uma chronica, attrahente, em vez da estopada que tomo a liberdade de vos apresentar.

Lá ao fundo da minha solitaria mansão divisei um vulto que caminhava para mim apressadamente.

Era o Jayme que se me vinha offercer para padrinho dos meus escriptos.

Accitei gostosamente, não sabendo que nome se dignará dar ao meu primeiro fructo. Esperarei. Deprehendi do seu cavaco que o homem muito gosta dos pés das minhas queridas leitoras, não o attrahindo outro qualquer membro dos vossos esbeltos corpinhos.

E' mania; perdão-lhe, pois, a exquissite.

Apertamos as mãos, tomando cada um rumo diverso e ao deixar aquelle lugar de tantos attractivos, levava a alma prenhe de saudade e o corpo... pedindo descanzo.

Mas... no caminho deparei com uma virgem de rosto oval, olhos languidos, bocca a pedir mil

beijos, corpo gentil e elegante, que, sentada junto d'uma machina de costura se entretinha com as suas mãos de fada em fazer um vestuario qualquer.

Vi-a atravez do vidro baço de uma janella não longe da qual se achava a machina que ella fazia girar velozmente e não poudo resistir á tentação de ir perturbar aquella paz, aquelle silencio, interrompido apenas pelo giro da companhia d'aquella virgem, da confidente dos seus segredos amorosos.

M. A. era o seu nome.

— Quem ousa perturbar o meu socego? pergunta.

Eu, o Luiz do Povo, conheceo?

— Não, meu caro senhor. Entre, todavia, e sente-se.

Imaginae vós agora, amaveis leitoras que impressões, que prazer, que alegria eu estaria sentindo n'aquelles momentos tão gratos, n'aquella morada de que o amor fez guarida...

Não passarei adiante. Só vos direi que entrei amando, sahi amando e não sei se amado.

Amador como sou de boas diversões não podia deixar de ir ao popularissimo arraial de S. Paio que se realisou na Torreira. E não me arrependi, porque gosei a bom gosar.

Fui para lá no dia 7 acompanhado d'alguns amigos tudo rapazes bonitos.

Principiou o nosso divertimento pela ria: dentro do barco, que nos transportava, os rapazes cantavam e dançavam como possesos.

Logo que saltamos em terra, dirigimo-nos á costa da Torreira, onde nos foi servida uma opiparra caldeirada, adrede preparada para as nossas bizarras pessoas. Todos lhe fizeram honra e, apesar de não haver vinho fino, houve brindes.

De noite nenhum dos da troupe dormiu: foi passear, ouvir musica, descantes, etc., etc.

Logo de manhã, entremos na capella e o nosso amigo M. ao vêr o S. Painho, como elle lhe chamou, ser constantemente afogado em vinho, indignou-se e principiou a rezar, pedindo ao santo que não tornasse a fazer mais milagres para não tornar a ser afogado em vinho. Todos se riram d'elle e da sua lembrança.

Passeámos ainda muito, apreciando aquillo e quando (seriam duas horas?) nos dispunhamos a retirar, ouvimos já dentro do barco uma Maria que cantou esta cantiga:

O' milagroso S. Paio,
 O' milagroso santinho,
 Hei-de vir cá para o anno
 Lavar o santo com vinho.

Imaginem, leitoras, se podem a indignação do nosso M.!

Dizia elle que, se não estivesse já dentro do barco e um pouco afastado, havia de ir perguntar a cachopa, porque razão assim sem mais preambulos se promettia affogar em vinho um santo. E rematou dizendo que a rapariga não chegaria a voltar ao S. Paio.

E nós os restantes como vihamos da festa contentamo-nos com ver velear o barco, sentados no bôrd.

E assim acabou uma festa que me proporcionou uma bella diversão.

Quando á noite me deitei, adormeci de tal forma que estive sem falla até ao dia seguinte á hora em que me chamaram para almoçar.

Se eu não tinha dormido nada a noite anterior...

Ai! S. Paio! S. Paio!...

Até á semana.

Luiz Arauto.

CORRESPONDENCIA

Vallega 8 de setembro de 1892.

Quando o sol está prestes a alumiar o outro hymispherio quando elle nos diz que as trevas estão a envolver o espaço e que a natureza se despoja do seu alegre manto, eu dando largas á tristeza que se diffunde em meu peito saio d'esta pequena povoação indo procurar um sitio ameno e solitario, onde como que arrebatado para o espaço possa contemplar os quadros da natureza. Depois que me introduzo no meio dos campos onde já se não reflectem os raios do sol, escuto os echos melodiosos do rouxinol que em vez de affogentar de meu peito as saudades do passado ainda as faz despertar mais e mais. Mas que fazer? Continuar até encontrar um d'esses sitios em que por mais d'uma vez o meu coração se viu desembaraçado d'esse saudoso veu.

Ora, historias meus caros, embirrei para phantasias e não ha lá emendar-me, acho eu. Hoje leitores, nada vos conto de politica. Em vez de politica contar-vos hei um caso triste. Eil-o.

— Falleceu no dia 4 do corrente, na sua casa de Vald'agua o regedor d'esta freguezia o sr. José Pereira da Silva Costeira. Era um bom homem amante dos pobres e um lavrador honrado. A sua morte foi aqui muito sentida por todos quantos o conheciam pela nobreza de caracter e pela sua honradez inconcussa. O seu enterro foi muito concorrido vendo-se no prestito as pessoas mais gradas da freguezia e queoram amigas intimas do finado.

Quando o prestito chegou á Igreja era esperado pelos snrs. Aralla, administrador do concelho e Barbosa de Quadros que vieram dizer o ultimo adeus ao seu amigo e prestante correligionario. Effectivamente o sr. Aralla via no seu querido Costeira o unico amigo fiel com quem podia contar para o futuro, mas quel a morte não escolhe, leva amigos, inimigos, paes, filhos, parentes e benefeitores! Como é triste o morrer! Ah! morte como és tão dura ninguem te escapa! Quem diria que o sr. Costeira ao ser nomeado regedor d'esta freguezia pela primeira vez em breve deixaria esse cargo e este mundo de illusões! Quem diria ao ver o sr. Costeira a pedir votos de porta em porta para o sr. Aralla não chegava a ver o final da obra! Quem diria ao ver aquelle homem robusto, forte e novo ainda havia de deixar este mundo tão depressa.

Quem diria ao ver aquelle homem contar a sua historietta d'uma maneira engraçada havia de em breve deixar-nos!

Depois de se dirigir ao sr. Arauto.

Ah! amigos ninguem o julgava! A chave do caixão foi entregue ao sr. Aralla, amigo intimo do finado. Todos notaram que a ex.ª estava commovidissimo e tinha razão para isso porque sabemos que o sr. Costeira era seu amigo dedicado.

Que a sua alma descanse em paz.

— Acha-se entre nós na sua pittoresca quinta no lugar de Pereira, d'esta freguezia o ex.º sr. dr. Vasques de Mesquita, distincto jurisconsulto portuense. Sua ex.ª tenciona demorar-se algum tempo entre nós.

Até á outra.

Zás-traz.

Publicações

Gazeta dos tribunaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se for promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não poder conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes) 1\$200
 Por duas series (um anno) 2\$400
 Não se accitam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

Annuncios

CAPELLÃO

Está disponível um capellão. Quem precisar dos seus serviços religiosos, deve dirigir carta á redacção d'este jornal.

CARNES VERDES

Manoel da Silva Borges, da rua das Ribas, faz saber ao respeitavel publico que se estabeleceu em sua casa, assim como na Praça d'esta villa, vendendo carne de gado suino.

Espera a concorrência dos seus illustres freguezes e garante ter á venda a melhor carne com todo o esmero e limpeza.

Tanto na sua casa como na Praça encontrarão tudo o que pertence ao seu ramo de negocio: carne velha para adubo, unto, pingue, carnes frescas, presuntos, lombo fresco, etc.

OVAR

ALFONSE DAUDET

LOEN TAXIJ

OS MYSTERIOS

DA

FRANC-MACONARIA

VERSÃO PORTUGUEZA DO

P.^o FRANCISCO CORREIA PORTOCARRIBEIROCom uma dedicatória
do auctor a sua magestade

A RAINHA D. AMELIA

Com auctoriseção do em.^{mo} e rev.^{mo} sr.

CARDEAL D. AMERICO

BISPO DO PORTO

Obra que mereceu um breve
de S. Santidade Leão XIII, animando-o,
e abençoando-o, e que foi louvado
pelos ex.^{mos} e rev.^{mos} srs.Arcebispo de Paris, Arcebispo
de Rennes, Bispo de Montpel-
lier, Bispo de Coutances, Bispo
de Seez, Arcebispo de Gran, Ar-
cebispo de Turim, Bispo de Sois-
sons, Arcebispo de Colocza, Ar-
cebispo de Auch, Arcebispo de
Napoles, Bispo de Rodez, Bispo
de Bayeux, Arcebispo de Cham-
bery, Bispo de Bannes, Bispo de
Marselha, Arcebispo d'Aix.A obra constará de dous vol-
umes distribuida em fasciculos
de 32 paginas de texto com qua-
tro ou mais gravuras. Preço de
cada fasciculo 100 reis, pagos no
acto da entrega; para as provin-
cias é franco de porte. Os assi-
gnantes da provincia pagarão de
cinco em cinco fasciculos, envian-
do-se-lhes n'essa occasião o com-
petente recibo. Concluida a pu-
blicação será elevado o preço.Distribuir-se-ão tres fascicu-
los por mez. Todas as pessoas
que angariarem dez assignaturas
e se responsabilisarem pelo seu
pagamento, receberão um exem-
plar gratis.Aceitam-se correspondentes
nas terras onde os não ha; a
commissão é de 20 p. c., garan-
tindo mais de cinco assignaturas.Assigna-se em todas as livra-
rias do reino e em casa do edi-
tor Antonio Dourado, rua dos
Martyres da Liberdade, 113—
Porto, a quem deve ser dirigida
toda a correspondencia.

BIBLIOTHECA ECONOMICA

PARA RICOS E POBRES

100 REIS CADA VOLUME

DE

300 A 450 PAGINAS

Os romances, mesmo os maio-
res, nunca excederão o preço de
400 ou 500 reis, como por exem-
plo o celebre romance OS MYST-
TERIOS DE PARIS, (5 volu-
mes) que nos propomos publicar
mais tarde, e que apenas custará
CINCO TOSTOES !!!

Romances publicados:

Fromont Junior e Risler Senior

POR

ALFONSE DAUDET

UM TIRO DE REWOLVER

POR
JULIO MARYA este seguir-se-ão—O Cas-
tello da Raiva de L. Stapleau—
Um drama de revolução de Er-
nesto Daudet *Mont Oriot*, de
Guy de Maupassant.—O grande
industrial e *Sergio Panine* de
George Ohnet.—*Clotilde* de Al-
phonse Karr.—*Sapho* de A. Dau-
det.

CONDIÇÕES DAS ASSIGNATURA

Lisboa e Porto, cada volume
pago no acto da entrega 100
réis.Provincias, ilhas e ultramar,
cada volume, franco de porte
120 réis. Pagamento adiantado.Assigna-se em Lisboa no es-
criptorio da Empreza da BI-
BLIOTECA ECONOMICA, T.
da Queimada, 35.

REPORTORIO SYNOPTICO

DA

LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

POR

J. GARCIA DE LIMA

Cada fasciculo em formato
grande, bom typo e bom papel
100 réis; pelo correio 105 réis.
Requisições á Empreza Editora
—LETRAS E LEIS.A cobrança é feita por séries
de seis fasciculos.—Beco da Amo-
reira, 9, 3.^oNo prélo:—Diccionario de Ju-
risprudencia e Legislação Portu-
gueza. Preço do fasciculo 100 réis;
pelo correio 105 réis, pedidos á
empreza editora—LETRAS E
LEIS.

OS BURROS

OU

O REINADO DA SANDICE

*Poema heroica-comico, satyrico,
em seis cantos, reproduzido
in-extenso com todas as liber-
dades do original.*

Preço, br . . . 300 réis.

Pelo correio franco de porte
quem enviar a sua importancia em
estampilhas ou vale do correio.A' Livraria—Cruz Coutinho
—Editora. Rua dos Caldeireiros,
18 e 20—Porto.

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

EDITORES—BELEM & C.^a
26, Rua do Marechal Saldanha
26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

OS

Companheiros do punhal

PR

L. STPLEAUX

Romance dramatico da maior sensação
ILLUSTRADOPor semana uma caderneta ao
preço de 60 reis.Publicada a 1.^a caderneta e
á venda n'esta localidade e nos
escritorios da Empreza editora,
1, rua de D. Pedro V, 3 e 5,
Lisboa, onde se dirigirão os pe-
didos.

O BARATEIRO

LOJA DE FAZENDAS

DE

ARNALDO A. DA SILVA MOURA

PRAÇA D'OVAR

Faz lembrar a todos os seus
amigos e freguezes, bem como ao
respeitavel publico, qua tem no
seu estabelecimento um lindo e
variado sortimento de fazendas
de todas as qualidades, das quaes
menciona:Flanellas d'algodão, cheviotes
pannos familias e domesticos, chi-
tas pretas, brancas e de côr, ris-
cados, zephires, lenços de varias
qualidades, chailes pretos e de
côr, nacionaes e estrangeiros, mo-
rinos de pura lã, castorinas as
mais modernas, picotilhos, case-
miras pretas e de côr tanto naci-
onaes como estrangeiras, camiso-
las de malha de lã e de algodão
tanto para homem como para sen-
hora, botões de phantasia pretos
e de côr, guarnições de seda e lã,
bem como muitos outros objectos
existentes na sua loja, que é im-
possivel annunciar.Tambem faz publico que no
seu estabelecimento vende fato fei-
to, tanto para homem como para
creanças, comprehendendo calça,
collete e casaco de varias quali-
dades e boa casemira, bem como
se encarrega de qualquer peça
d'obra que lhe encomendem.Vende tudo por preços sem
competidor. Portanto meus ami-
gos e freguezes, é aproveitar
antes que venham os nossos direi-
tos d'Alfandega porque depois
tudo sobe.

A ESTACÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS
PARA AS FAMILIASPublicou-se o n.^o
de 1 de JulhoPreços: 1 anno réis
4\$000—6 mezes 2\$100
rs.—Numero av. lso rs.
200.LIVRARIA CHARDRON, LU-
GAN & GENELOUX, SUC-
CESSORES—PORTO.

MAUXICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA
ARTES E OFFICIOSVariadas e curiosas recei-
tas e processos de physica e
chimica pratica sobre artes,
Economia domestica, Photo-
graphia, etc.

BECREAÇÕES SCIENTIFICAS

Surprehendentes sortes e
experiencias, Cryptographia,
methodos para corresponden-
cias secretas, 27 gravuras ex-
plicativas.A' venda em todas as li-
vrarias.

Preço..... 400 réis

..... 420 ..

Deposito—Livraria Portu-
gueza, Loyos, 56—Porto.Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, ernambuco,
Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros
portos do BrazilVendem-se passagens a preços **muito reduzidos** pa-
ra todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos
acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulhe-
res e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compro-
missos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer
trabalho e residirem onde quizer.Vendem-se tambem a preços commodos passagens para
os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Orien-
tal.Preparam-se todos os documentos necessarios e aprom-
ptam-se gratuitamente.Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assigna-
dos, agentes das companhias se lhes dirijam para obter
qualquer passagem.Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Africa Portugueza

CARREIRA DE MAGNIFICOS PAQUETES DE
COMPANHIAS PORTUGUEZAS PARA A AFRICA
OCCIDENTAL E ORIENTALPreços resumidos muito inferiores ás tabellas das ou-
tras agencias: para S. Thomé 34\$000 réis; Ambriz e Loanda
38\$000 réis; Benguella 142\$000 réis; Mossamedes 46\$000 réis.

BRAZIL

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Rio
Grande do Sul, e mais portos, e pelos paquetes das Compa-
nhas Mala Real Portugueza, Mèssageries Maritimes, Mala
Imperial Allemã, Pacifico e Chargéurs Reunis, vende-se pas-
sagens por preços muito reduzidos. Preço minimo em 3.^a
classe 27\$000 réis.Pelos paquetes das mesmas Companhias, tambem se
concedem passagens GRATUITAS a familias de artistas, tra-
balhadores e lavradores; homens com mulher e filhos, netos
ou enteados, mulher casada, com seus filhos ou netos, pae
com um ou mais filhos ou netos, avó ou avó com seus des-
cendentes, homens casados ou solteiros e mulheres casadas
ou solteiras, com tanto que sejam validos e queiram ir em-
pregar-se LIVREMENTE, nos trabalhos que mais lhes con-
venha, em diferentes provincias do BRAZIL, os quaes teem
á sua chegada ao Rio de Janeiro, hospedagem GRATIS du-
rante 8 dias, e transporte tambem GRATIS para qualquer
terra para onde perfiram ir viver.Passagens em todas as condições e negocio tratado
com seriedade.Para esclarecimentos e contracto, dirigir unicamente em
—Ovar, Antonio Conceição, praça e rua dos Campos e em
Aveiro, Manoel J. Soares dos Reis, rua dos Mercadores, 23

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição
correcta e augmentaa pelo
auctorSairá em cadernetas semanaes
de 4 folhas e estampa 50 réis.EDITORES BELEM & C.^a

ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO

Major de Infantaria

e ex-professor do Lyceu Central do
Porto—
PORTO

Magalhães & Moniz—Dditores

CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGICO

DE

MOLESTIAS DE SENHORAS
E CREANÇAS

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmento

E

Amelia de Moraes Sarmento

CONSULTAS

Das 11 horas da manhã ás 3 da tarde
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

759, RUA DO ALMADA, 759,

PORTO